

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ

HISTÓRIAS IRREVERENTES DO
COMPORTAMENTO AUTÍSTICO PARA
MELHOR COMPREENDÊ-LO.

TITO BELA VISTA

**TUDO QUE
EU FAÇO
TEM UM
PORQUÊ!**

CRÔNICAS PARA ENTENDER O AUTISMO

Tito Belavista

**TUDO QUE
EU FAÇO
EM UM
PORQUÊ!**

CRÔNICAS PARA ENTENDER O AUTISMO



EDITORA GARCIA

**TUDO QUE EU FAÇO, TEM UM PORQUÊ:
CRÔNICAS PARA ENTENDER O AUTISMO**
Copyright © 2023 Tito Belavista

Todos os direitos reservados à SOP SALA DE ORIENTAÇÃO
PEDAGÓGICA - Grupo de pesquisa e Assessoria pedagógica/terapêutica
para o indivíduo com desenvolvimento atípico

1ª Edição - Editora GARCIA
Brasil - Janeiro de 2023

ISBN: 978-65-80264-32-2

Revisão: Ana Geórgia Nunes

Capa: SOP - Sala de Orientação Pedagógica

Catálogo na publicação
Elaborada pela Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Belavista, Tito

Tudo que eu faço tem um porquê: crônicas para entender o autismo/
Tito Belavista. – Juiz de Fora, MG: Garcia, 2023.

90 p.; 14 X 21 cm

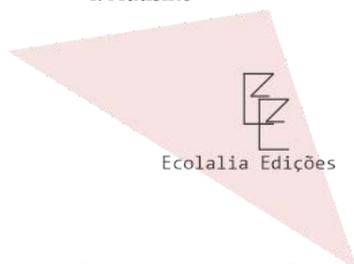
ISBN: 978-65-80264-32-2

1. 1. Autismo 2. Crianças autistas – Educação 3. Crianças autistas –
Desenvolvimento I. Belavista, Tito. II. Título.

CDD 616.898

Índice para catálogo sistemático

I. Autismo



Rua Idelfonso Lopes, 70 – Santo Amaro
Recife/PE – CEP 50050490
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
A HORA DA BICA	9
NÃO VOU MAIS PARA A ESCOLA	15
CATARRO	19
MEU HERÓI!	23
LUGAR DE SEMPRE	29
HÁ QUEM PREIRA OS BICHOS	33
BORBOLETAS NO ESTÔMAGO	37
PARA DE PULAR!	41
BEM CERTINHO	44

PREFÁCIO

Atuando como professora há mais de 10 anos, passei, a inquietar-me diante das más análises feitas em compreender como circula a inclusão escolar.

Este livro fala de pessoas, simplesmente. De pessoas que brincam, correm, passeiam, comunicam-se, são felizes.

Que são amadas, levam bronca, fazem tolices e surpreendem - como qualquer um, afinal.

Pessoas que podem ter interesses mais restritos, mas que são capazes de aprender outras formas de brincar: empurrando, enfileirando carrinhos, abrindo e fechando a porta, girando o lápis de cera na ponta da sacola ou rasgando papéis. Compreendem o mundo à sua maneira.

Comunicam-se gritando ou chorando, apontando, gesticulando ou pegando na mão do adulto para mostrar o que querem. Expressam-se à sua maneira e podem ser ensinadas a apontar e trocar pictogramas impressos, sinalizar, informar...

Pessoas que podem se sentir mais confortáveis sozinhas, mas que demonstrarão prazer em estar com quem as respeitem.

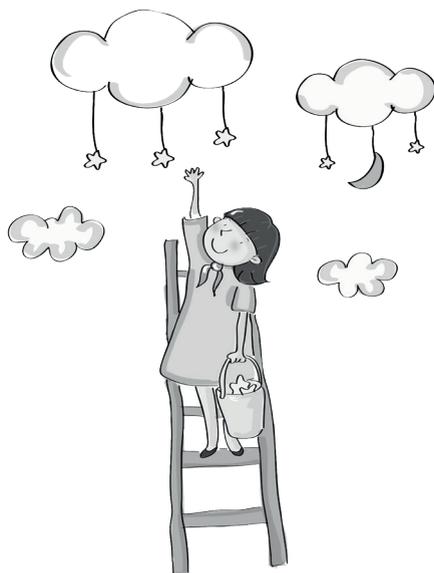
Este livro foi escrito e pensado por pessoas que pesquisam, trabalham, convivem com gente com TEA – Transtorno do Espectro Autista.

Vivian Farias da Silva

Pedagoga, Psicopedagoga, Especializada em

Atendimento Educacional Especializado

e Diretora do Adapte - Cursos e Atividades Estruturadas



I

A HORA DA BICA

A avó, cuidadosa como são todas as avós, vivia dizendo:

– Deixa o coitado sem banho!

Mas, obviamente, não dava para ficar mais de um dia sem se lavar. Era essa a principal queixa da mãe à Terapeuta Ocupacional. Sempre foi assim: mesmo antes do diagnóstico, ele chorava na hora do banho.

Tanta era a agonia que evitava-se até falar alguns termos que fizessem referência àquele momento; por exemplo, *chuveiro*, ou *sabonete* eram palavras vetadas entre

a família. Caso ouvisse algum desses sons, pronto, era desespero na certa, e, para reorganizar a situação, investia-se um tempo considerável em acalmar Rafael.

O garoto não tinha os sintomas marcantes do autismo: comunicava-se muito bem, não repetia palavras e nem tinha descontextualização de fala. Mas o caso do banho, por sua vez, era um mistério.

Não foram raras as vezes que dona Dalva, a mãe de Rafael, perguntava-lhe sobre o porquê da tristeza num momento tão gostoso quanto deveria ser o de tomar banho, e reforçava:

– É hora de ficar limpinho! Cheirosinho!

Não adiantava. Rafa nunca conseguia explicar.

Quando completou seis anos, a solução foi passar a tomar banho usando um balde e uma bucha de lavar louça, e assim permaneceu assim pelos próximos seis anos.

Até que, certa vez, Rafael e a sua mãe estavam voltando a pé da escola quando começou a chuveirar. Dona Dalva então notou que as reações que tinha diante das gotas de chuva ao cair sobre o corpo dele eram semelhantes às que aconteciam ao estar embaixo da ducha. A essa altura, ele já estava aos prantos; então tomou o menino pelo braço e correu em direção a um supermercado para fugir da água.

Ao chegarem em casa, ao vê-lo tranquilizado, a mãe

teve uma ideia.

Removeu a tampa do chuveiro e deixou que apenas o cano fizesse o trabalho de distribuir a água. Arquetetada a estratégia, sentou e estabeleceu um acordo com Rafa:

– Filho, toma banho de chuveiro hoje; se não gostar, te deixo sem tomar banho por três dias.

Diante da proposta irrecusável, o menino topou na hora!

A surpresa, porém, muito mais para ele do que para a sua mãe, é que adorou a *diferente possibilidade de tomar banho*. Por sinal, foi aquele o primeiro banho de chuveiro tranquilo de Rafa em toda sua vida.

Desse dia em diante, ele ansiava pela “hora do banho” ou a “hora da bica”, como a família acabou apelidando...



ENTENDA BEM:



Indivíduos com TEA (Transtorno do Espectro Autista) podem ter uma sensibilidade maior ao toque na pele devido a uma interferência do processamento sensorial, ou seja, uma disfunção tátil. Eles também podem simplesmente se incomodar ou, até mesmo, sentirem dores com o contato físico, por exemplo, toques ou qualquer atrito na pele, o que para as pessoas que não convivem com o autista é compreendido como uma ação natural da convivência social.

Pesquise sobre: TPS – Transtorno do Processamento Sensorial.





NÃO VOU MAIS PAR A A ESCOLA

Aos 13 anos de idade, estranhamente, Raquel passou a rejeitar qualquer menção ao nome Deus ou mesmo a ambientes religiosos. Também começou apresentar outros comportamentos, como ter muita dificuldade em ir à escola, chorar, bater os pés no chão, *estereotipar* com mais frequência, gritar, chegando, inclusive, a agredir professores e colegas.

A mãe de Raquel, senhora Cássia, preocupada a partir dos ocorridos, levou a filha a uma Terapeuta Ocupacional, a qual submeteu Raquel a um processo avaliativo elaborado em conjunto com uma colega psicóloga, ansiosa para compreender melhor a situação da moça. Assim, tan-

to a Terapeuta quanto a Psicóloga acordaram que deveriam visitar a escola um dia, a fim de entender a relação entre os comportamentos inadequados e a sua rotina escolar.

Chegado o dia, psicóloga e terapeuta, antes de cruzarem os portões da escola, deparam-se com um grupo grande de alunos no pátio em frente à instituição, rezando o pai nosso.

Por fim, numa longa conversa com muitos questionamentos à coordenadora escolar, ambas escutam que as reações agressivas de Raquel aconteciam, sobretudo, ou antes da oração ou quando falavam o nome Deus, Jesus Cristo....

De volta ao consultório, em reflexão com a mãe, a psicóloga perguntou se alguém importante na família havia falecido. E a mãe respondeu que, há três anos, uma terapeuta muito especial, a qual sempre tivera infinita paciência e afeto por Raquel, houvera falecido de câncer. E a psicóloga prosseguiu com outra pergunta, a sua resposta.

– E o que falaram sobre a morte da profissional tão querida por Raquel?

A mãe prontamente completou:

– *Papai do céu a levou!*



1. Esteriotipar: repetições que podem ser linguísticas, motores e até de postura. Geralmente são comportamentos sem explicações racionais, sem motivo aparente, mas que servem para o indivíduo se autorregular.

ENTENDA BEM:



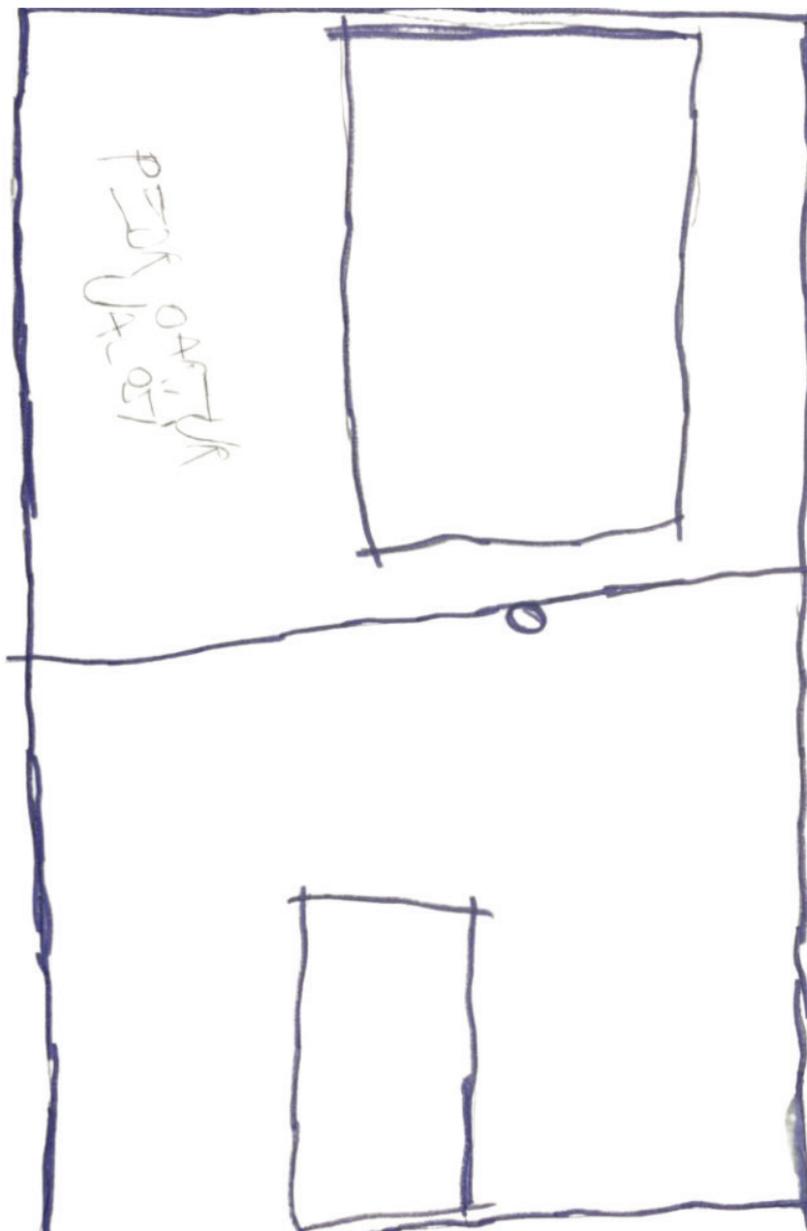
A explicação de fenômenos naturais sobre a vida precisa ser bem elaborada para que não surjam conflitos em indivíduos com autismo, Histórias Sociais são uma estratégia bastante indicadas e possíveis neste quesito, ou seja, elas podem auxiliar no entendimento de situações abstratas ou subjetivas.

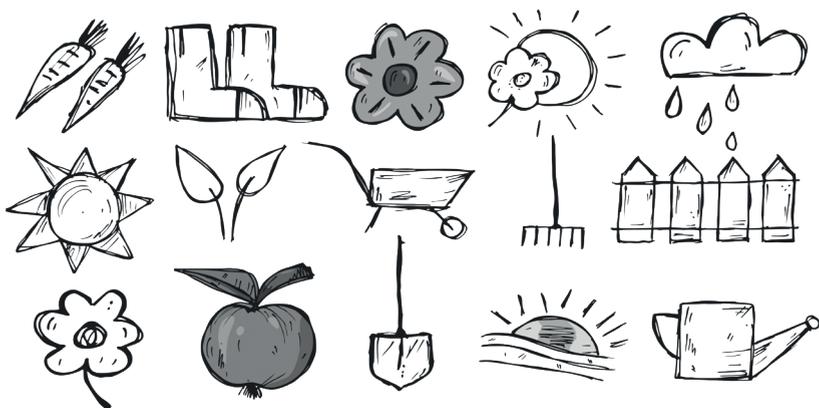
Pesquise sobre:

Rigidez Cognitiva no Autismo

Histórias Sociais (Carol Gray, 1991)

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ





II

CATARRO

Na verdade, aquela compulsão pelo próprio nariz sempre foi preocupação e até motivo de muitas noites de sono em claro. Inclusive, a tensão da família quanto à relação de Octávio com o nariz e os efeitos colaterais do medicamento que tomava eram maiores que com suas crises de convulsão. Os pais já cogitavam castigos e ameaçavam surras na hora da tensão, em virtude das recorrentes advertências e reuniões por parte da equipe de terapeutas na escola sobre desconfortável prática de Octávio enfiar o dedo indicador no nariz.

Quando cutucava as narinas, Octávio parecia se esquecer do mundo ao seu redor. Não interagia com as professoras, os colegas... Mesmo os vídeos da Disney, de que tanto gostava, tornavam-se desinteressantes.

Certa vez, um dos Terapeutas Ocupacionais propôs até o uso

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ

de um par de luvas três quartos a Octávio, de modo a privá-lo do seu prazer secreto – o que foi, claro!, um desastre. O garoto passou a apresentar uma série de outros comportamentos ao ver-se sem acesso ao próprio nariz: pulava, gritava, corria na escola toda, chorava muito; além de se morder, mordida os colegas também – tudo isso com a região entre as narinas e o lábio superior já bastante inflamada. Parecia não sentir dor.

Uma vez, a convite da escola, dona Leandra – a mãe de Octávio – foi participar de uma formação cuja temática era os alunos que apresentavam demandas específicas, ministrada por um professor que ela não conhecia. Ao final do momento, a mãe de Octávio teve a oportunidade de conversar com este professor e, após relatar a ele os comportamentos de Octávio, o professor, bastante atento ao relato, pediu-lhe que, no outro dia, ela trouxesse o menino ao seu encontro. Chegado o dia, Leandra leva o filho ao encontro do professor. Octávio, já com o dedo médio enfiado no nariz, se apresentou:

– Meu nome é Octávio.

O professor sorriu e, em seguida, tirou um pequeno frasco de tinta pastosa de dentro da bolsa.

– Olá, meu querido amigo, meu nome é Roberto! Tenho uma coisa aqui para você.

Octávio repetiu:

– *Uma coisa aqui para você.*

O professor então, mostrando-lhe o frasco, gentilmente segu-

rou a mão do garoto e direcionou o dedo indicador para dentro do tubo. Ao colocar o dedo, Octávio esqueceu completamente o nariz.

Em seguida, o professor explica a mãe que o conteúdo do frasco era composto por farinha de trigo e tinta guache verde. Daquele dia em diante, Octávio trocou definitivamente o nariz pelo tubo de tinta guache. A textura que o satisfazia - e que outrora encontrava apenas e somente no nariz - substituiu um lugar por outro, foi favorável à cicatrização de feridas, e também proporcionou a Octávio o fim do incômodo de outras pessoas. Deu a ele uma nova perspectiva!



ENTENDA BEM:



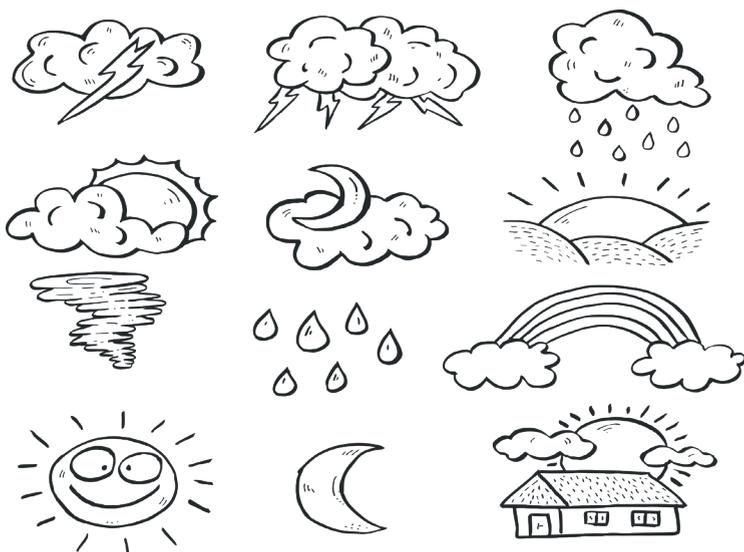
O limiar tátil das pessoas com transtorno do processamento sensorial pode ser muito diferente dos indivíduos que apresentam as funções sensoriais regulares. A sensação do toque em algo viscoso, por exemplo, pode dar uma sensação de pertencimento físico, como quem, simplesmente, descobre que tem dedos.

Pesquise sobre:

Ecolalia

Regulação Sensorial





IV

MEU HERÓI!

Já era percebido por todos o sentimento o que a mãe de Victor nutria pelo terapeuta do filho, André; um afeto para além da amizade. Além de psicólogo, André era esportista, muito simpático e bastante comunicativo.

O fato é que, no planejamento terapêutico de Victor, André explorava elementos abstratos de contexto, como exercícios com ênfase em aspectos subjetivos: reconhecimento de sentimentos, sentidos figurados das palavras e ambiguidade das frases. Victor, por sua vez, tinha mesmo muita dificuldade com contextos. Por exemplo, ligava tudo

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ

o que era dito à literalidade. Ao ouvir certas expressões, como “*está um engarrafamento do fim do mundo*”, ou “*está doendo pra burro*”, via-se surgir uma grande interrogação no rosto do menino. Grande era o esforço para encontrar a lógica de tais expressões.

Uma vez, André disse para a mãe de Victor, na presença do garoto, em um dia ensolarado:

– Vamos à praia?

E a mãe do menino deixa escapar, terna:

– Tomara que nunca mais chova - e sorriu...

Assim que entraram no carro, Victor a indagou, provocando um risinho paciente:

– *Mãe, vamos sobreviver se nunca mais chover?*

Contextualizar frases recebidas era uma das estratégias de André que mais pareciam funcionar, já que, através da prática, Victor refletia sobre as possibilidades contidas nas frases.

No seu aniversário de 12 anos, todo grupo terapêutico organizou uma festa animadíssima para Victor. Tinha bolo, refrigerante – só não tinha balões de festa, já que ele tinha pavor ao barulho que fazem ao serem estouradas.

Assim que o terapeuta chegou ao evento, a mãe foi logo cumprimentá-lo. André notou que ela estava bron-

zeada e, prontamente, a perguntou se ela havia ido à praia. E ela, sem demora, respondeu:

– Sim, minhas costas estão pegando fogo!

Inesperadamente, antes que qualquer um pudesse se antecipar, Víctor joga um copo de refrigerante gelado nas costas da mãe. O silêncio foi rei naquele momento, sendo quebrado pela exclamação da mãe:

– Víctor, seu ciumento!

E ele, nervoso, começou a balançar os braços como quem não conseguisse explicar a razão de ter feito aquilo. Ora, Víctor apenas queria salvar a sua amada mãe do fogo que afirmou que a fazia mal naquele momento.



ENTENDA BEM:

Devido ao déficit na decodificação de certas ações sociais, indivíduos com autismo demoram a compreender expressões de sentido conotativo ou figurado. Por isso,

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ

para eles, alguns gêneros textuais que explorem a linguagem dos sentimentos ou emoções devem ser reconhecidos e exercitados tanto pela família quanto por equipe pedagógica e terapeutas.



Pesquise sobre: *Teoria da Mente*





V

LUGAR DE SEMPRE

Apesar de muito atarefada, uma vez que a mãe de Danilo era médica, professora e pesquisadora, inclusive requisitada no exterior, Daniele era atenta aos comportamentos do filho. Tanto que, certa vez, em um dia da semana, quando Danilo chegou da escola, o percebeu olhando diferente para o motorista da família. E esse olhar manteve-se ao longo do dia, aparecendo nos momentos em que o garoto se cruzava com funcionário Emerindo. Era um olhar enviesado, como quem está querendo mostrar-se chateado com algo...

Numa dessas olhadas nesse dia peculiar, o menino chegou a exclamar um sonoro “HUMMMM”!, arfando, bastante irritadiço. Dona Daniele, intrigada com essa situação, decide perguntar ao motorista o que estava acontecendo; seu Emerindo responde, sorrindo do alto dos seus setenta e dois anos:

– Não sei, não, senhora...

Naquele mesmo dia, durante todo o jantar, enquanto o menino saboreava o seu prato predileto - bananas fritas - a mãe o observava; ainda assim, o garoto olhou estranhamente o seu Emerindo - motorista da família há quase vinte anos.

Daniele, já cansada da silenciosa rebeldia, dispara:

– Danilo, por gentileza, diga-me o que está acontecendo!

Danilo arregalou os olhos, ansioso.

– Eu vou dizer mamãe... E vou contar tudo! O Emerindo está vindo da escola pela estrada de barro!

A mãe ficou sem entender nada. Porém, Emerindo neste momento compreendeu tudo, como quem tinha achado um tesouro, e falou, com grande surpresa:

– Ah, dona Daniele, é porque a via que estou utilizando agora para ir à escola é outra, já que o trajeto anterior se encontra interditado. - disse isso e foi prontamente

assistir ao jornal das oito horas, que ele não perdia jamais.

E, para a mãe de Danilo, restou então explicar ao garoto sobre a necessidade, às vezes, de mudar a rotina.



ENTENDA BEM:

As pessoas com autismo podem apresentar dificuldade de mudança de rotina, provavelmente, por relacionar a rotina a um modo de organizar o seu “eu”, tal qual a dificuldade que eles apresentam com o processo de recepção de informações “novas”. Logo, estabelecer horários, lugares, espaços, e atividades diárias traz, acima de tudo, para o autista, mais segurança.

Imagine como você ficaria chateado, se não encontrasse a chave do carro que costuma colocar sempre no mesmo lugar? Ou quando você descobre que o seu chefe mudou repentinamente o agendamento de suas férias de trabalho exatamente no dia em que você está de malas prontas?





VI

HÁ QUEM PREFIRA OS BICHOS

O convite de passar um fim de semana na casa de campo do chefe do pai de Luís de foi marcado por uma descoberta: a paixão do garoto por uma galinha que ciscava o terreno à frente da casa. E mal sabia dona Renata, mãe do menino, que a explicação dos sumiços do filho seria devido a relação desenvolvida entre Luisinho e a tal ave.

Tomava um susto ao reparar na falta do rebento; quando dava pelo garoto, lá estava ele agarrado ao bicho. A mãe exclamava:

– Solta a galinha Luisinho, que ela está suja!

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ

E assim foi o resto daquele e dos outros dias: dona Renata, nervosíssima, pedindo para Luisinho soltar a galinha, a qual ora estava encostada no peito de Luís, ora sob os ombros, ou até embaixo do braço – o menino parecia preparar-se para levar seu animalzinho como bagagem.

Ao final do veraneio, mal o dia raiava, hóspedes da casa ainda em seus devidos quartos, acordaram-se todos ao som dos cacarejos estridentes da galinha. E do que se tratava? Ao perscrutar a situação, encontraram: era Luisinho no tanque de lavar roupas, que, com uma mão segura uma escova, e com a outra, a amada galinha.

– Solta a galinha, Luisinho! - disse Davi, o pai, enquanto Luís, segurando um dos pés da galinha, já a preparava para estender no varal.



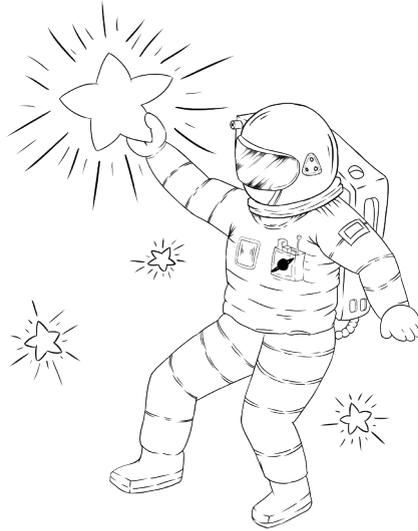
ENTENDA BEM:

Esperar um momento tranquilo e sentar-se para explicar detalhadamente o que se pode ou não fazer à pessoa com condição neuroatípica é mais necessário do que se

imagina. O diálogo pode evitar desentendimentos, constrangimentos, ademais, através dele, existe a possibilidade de garantir a aceitação da mudança de comportamento.



Pesquise sobre: *Hiperfoco*



VI

BORBOLETAS NO ESTÔMAGO

Assim que Paulo, que é autista, entrou na escola, há uma década atrás, começou já a expressar um afeto especial por Lara, demonstrando que aquele sentimento era mais que uma simples amizade entre crianças.

Lara, por sua vez, não compreendia o porquê de ele pular inesperadamente, balançar as mãos e apertar as suas bochechas, sempre com cuidado o suficiente para não machucá-la, mas repetindo toda vez que a via. Apesar de se conhecerem há tanto tempo, a amiga não recordava desses comportamentos - a não ser nos momentos de avaliação das disciplinas de História e Geografia.

TUDO QUE EU FAÇO TEM UM PORQUÊ

Já preocupada com esses movimentos, que, com o passar do tempo, só aumentavam, ela decidiu procurar a coordenação da escola em busca de uma explicação ou orientação, a fim de ajudar o amigo. Dentre tantas soluções que a coordenadora poderia ter pensado, optou pela mais simples: convidar Paulo para uma conversa.

A psicóloga da escola, Talita, ao ser requisitada para ali intervir, bem sabia que a relação de longas datas entre Lara e Paulo era importante para os dois. Por isso, precisava ser cautelosa; com calma, assim questionou Paulo:

– Querido, responda-me, por favor, o que você sente ao ver Lara?

E ele responde:

– Um gelo aqui, apontando para o estômago.

E então todas as luzes se acenderam na cabeça da psicóloga, que sorriu ao relato.

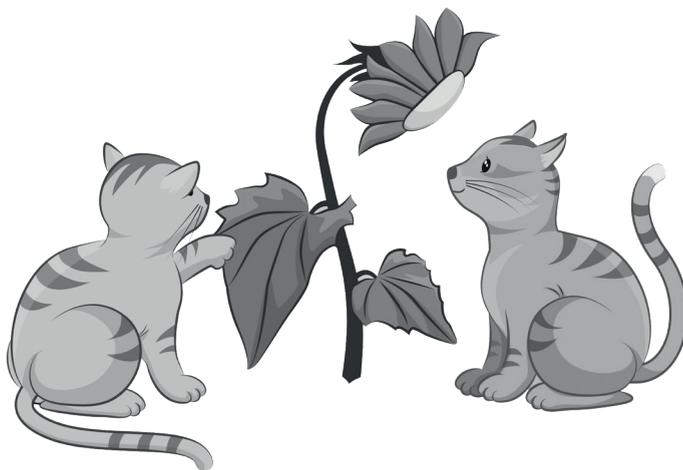


ENTENDA BEM:

Um diário pode ser uma importante ferramenta - tanto para as famílias quanto para terapeutas, a fim de entenderem e acompanharem como o indivíduo com autismo está se relacionando com as emoções que vivencia.



Pesquise sobre: *Diário de Sentimentos.*



VII

PARA DE PULAR!

A professora Zita, além de afetuosa com os seus alunos, também era querida por todos da escola. Entretanto, desde a chegada de Vinícius à classe em que ministrava suas aulas, ela se sentia triste, impotente e consumida por questionamentos do tipo *“bem que poderiam ter matriculado o Vinícius na sala de Dôra, lá tem menos alunos, de certo iria dar mais atenção ao caso...”*.

O aluno Vinícius, que, com passar do tempo ficou conhecido por Vini, era autista. Durante o tempo em classe, dedicava-se mais a pular que prestar atenção às aulas.

Certa vez, ele tanto se agitou que a fez preferir liberar toda a turma antes do término. Essa atitude rendeu à professora uma conversa com a direção, que a indagou sobre o motivo desta liberação quase duas horas antes do término das atividades escolares. Sem pestanejar, expôs sua angústia e deixou claro que precisava de ajuda em relação ao aluno. O diretor, calmamente, escutou a profissional, mas destacou a impossibilidade da escola não receber Vinícius ou outra criança especial, já se tratava de uma exigência do Ministério da Educação. A docente, então, sai da reunião decidida em resolver a situação.

Ao chegar em casa, Zita pacientemente realizou buscas por artigos e materiais oficiais disponíveis na internet. Imprimiu e os organizou em uma apostila. Após leitura detalhada de todo o material selecionado, compreendeu o porquê de alguns autistas pularem. E a partir do desejo de tornar mais fácil a experiência escolar do menino, pôde construir um planejamento que aplicou em sala de aula. E pela primeira vez a professora viu o Vini não apenas sentar, como também aprender algo.

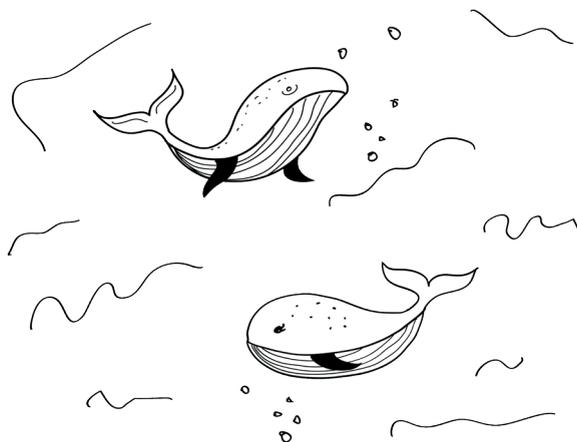
O planejamento de Zita foi tão abrangente que, nos jogos olímpicos da escola, ela conseguiu incluir a prova de salto apenas para que o Vinicius pudesse participar. A prova de salto até hoje é lembrada nas reuniões dos ex-alunos da escola. Que dia fantástico, um momento único que ensinou a todos sobre superação, uma vez que Vinícius

ensinou a todos da escola como pular é muito mais uma habilidade que um problema.



ENTENDA BEM:

Segundo os estudos com o transtorno do processamento sensorial (TPS), algumas pessoas com autismo tendem a pular para saciarem o desequilíbrio nas funções sensoriais ligadas ao tato, provavelmente por não se sentirem fixos ao chão, buscando, assim, uma sensação de segurança, pulando várias vezes na tentativa de se perceberem firmes e bem posicionados em relação ao seu espaço físico.



IX

BEM CERTINHO

– Não faz isso, Bernardo!

A professora Dulce já estava cansada de repetir essa frase sempre que o aluno vinha com as mãos em direção aos seus seios.

A pedagoga tinha 40 anos – só de sala de aula! - e nunca tivera um aluno com um comportamento tão insistente e constrangedor. Era tão frequente que a coordenação da escola interviu e precisou mesmo convocar os pais do aluno para uma conversa; mesmo em casas separadas, os responsáveis comprometeram-se em observar o que

desencadeava essa fixação. Para isso, os pais acionaram o grupo multiterapêutico que acompanhava Bernardo.

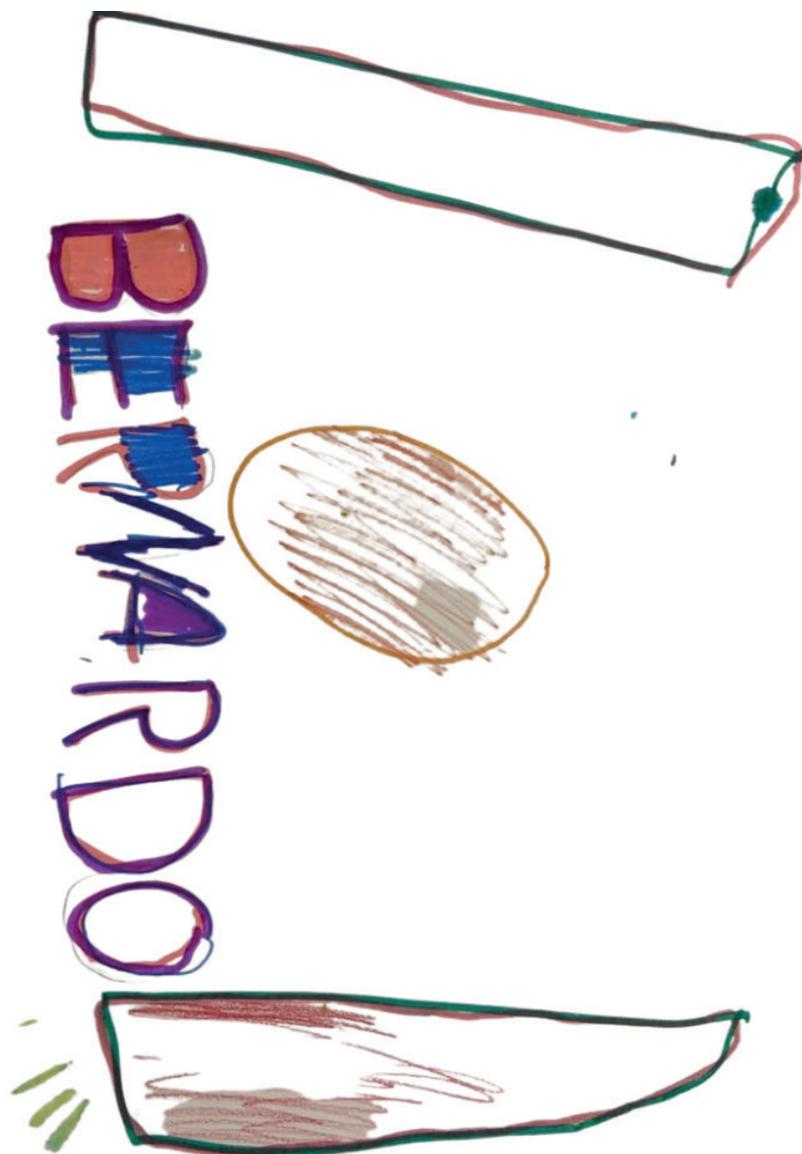
Algumas reuniões, especialmente levando em consideração os efeitos da separação dos pais e os seus comportamentos gerais, o grupo, que revisou inclusive relatórios passados de acompanhamento, notou que existia uma relação entre movimentos recorrentes do paciente e a fixação por organização de objetos - isso era a base da compulsividade de Bernardo. E, portanto, observar o estudante em sala de aula, talvez, apontasse algumas respostas da fixação pelos seios da professora Dulce.

Chegado então o dia da observação na escola, não demora até que vejam o aprendiz levantar-se e caminhar em direção à professora, como já era usual de sua parte. Esta, antes que o garoto se aproximasse o suficiente, levanta a mão indicando que se afastasse. Todavia, retira o gesto quando a psicopedagoga a interpela através de um sinal, indicando-lhe que deixasse o menino se aproximar. A contragosto, bastante cansada, permite. Bernardo então chega bem perto de Dulce e, com a mão estendida, posiciona seus dedos em formato de pinça onde regulam uma das alças do sutiã da senhora. Neste momento, a psicopedagoga compreende claramente a ação do aluno: tratava-se de uma tentativa de tornar simétrico um seio ao outro.



ENTENDA BEM:

A manutenção do estabelecimento de ordem, por exemplo, entre objetos, comidas, nomes, etc., faz emergir um comportamento em pessoas com autismo, que especialistas compreendem como a tentativa de organizar o que lhes parece fora de regra.



INFORMAÇÕES SOBRE A EDITORA GARCIA

Para saber mais sobre a EDITORA GARCIA, sobre como publicar e comercializar seu livro e outros assuntos, visite nosso site e curta nossas redes sociais.



EDITORA GARCIA



www.editoragarcia.com.br



facebook.com/editoragarcia



instagram.com/editoragarcia